

QUANDO AS PEDRAS DISCURSAM E O PESQUISADOR OUVE

Roberto Barreto Marques¹⁹⁷

MOTTA, Antonio. *À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Recife: Massangana, 2009

Em uma linguagem agradável e estilo semelhante aos de escritores brasileiros do século XIX, dos quais faz referência, Motta apresenta em seu livro uma sóbria capacidade de ouvir o silêncio, ou melhor, perceber o que as diversas – como ele diz – *formas tumulares* têm a dizer sobre os mortos e, sobretudo, sobre os vivos e sua sociedade e cultura.

Seguindo em parte a posição do Conselheiro Aires sobre o equívoco do silêncio e discrição dos túmulos que, para o personagem machadiano, “não são discretos. Se não dizem nada, é porque diriam sempre a mesma história; daí a fama de discrição.” (ASSIS, 1988), Motta procura, nas sepulturas de cemitérios oitocentistas, entender o que as diferentes tumbas têm a dizer, especialmente sobre a família e sua organização.

Portanto, ao visitar cemitérios localizados no Norte, Nordeste e Sudeste do país, o antropólogo pernambucano procura visualizar e discorrer sobre a proximidade da morte no cotidiano dos vivos de meados do século XIX e primeiros decênio do XX. Mostra que a morte e os mortos não eram temidos, nem deixados de lado, mas faziam parte da sociedade. Tal posição mostra sua relação e contato com a obra de outro pesquisador, que, já na primeira metade do século XX diz: “o homem morto ainda é, de certo modo, homem social” (FREYRE. 2006.p.45).

Partindo desta premissa do morto como ser social, do túmulo como linguagem viva e da morte como íntima da vida, o pesquisador procura, nos primeiros momentos

¹⁹⁷ Graduando do Bacharelado em Ciências Sociais pela UFRPE, bolsista de Iniciação Científica da FUNDAJ, membro do grupo de pesquisa Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano. Atualmente desenvolve pesquisa no cemitério de Santo Amaro, em Recife, Pernambuco, procurando verificar as formas de diferenciação social que parte da elite pernambucana apresentava no túmulo, tendo por base teórica a Sociologia do Gosto e da Distinção, desenvolvida por Pierre Bourdieu. E-mail: barreto_marques@yahoo.com.br.

de seu livro, falar sobre os movimentos romântico (que ligavam a morte com o amor), enterro nas igrejas e proximidade com os vivos, transição para os cemitérios públicos, criação de cemitérios afastados das cidades e o paulatino distanciamento dos vivos do ambiente do morto e de tudo aquilo que fizesse o vivo pensar em sua morte e na daqueles que lhes são próximos.

Tais informações diversas, indo da pintura e literatura de influência romântica até a morte transferida de casa para o hospital não aparecem do nada no texto do autor, não estão ali por acaso ou por simples contextualização ou preâmbulo, mas são evocadas ao longo do escrito. Mesmo quando um tópico ou capítulo são destinados especificamente para discorrer sobre um movimento artístico e literário ou para falar sobre uma influência arquitetônica de origem européia ou ainda para apresentar costumes tipicamente franceses, a influência de tais fatos sobre as sepulturas é indicada.

Vemos ao longo do texto de Motta a presença constante da religião Católica, ou melhor, do catolicismo popular, nas sepulturas em forma de capela, evocando estilos arquitetônicos específicos (como o gótico) ou mesclados, em estilos diversos sobre uma mesma construção.

Tais ocorrências de túmulos que reproduzem capelas, possuindo mesmo bancos e altares em seu interior, evocam o período de sepultamento no interior das igrejas, onde os vivos sentavam sobre as sepulturas dos mortos para assistirem as missas. Tais construções procuravam e procuram (tendo em vista o uso de algumas por descendentes vivos) reunir a família sobre uma mesma construção privativa, geralmente fechada, gradeada, remetendo ao antigo costume onde vivos e mortos “gozavam” do mútuo convívio e agrados divinos.

Neste sentido de reunião familiar também são característicos do século XIX a reprodução da casa em que o patriarca reunia sob sua influência e mando uma longa descendência. Tal autoridade do chefe da família foi reproduzida na pedra, a qual Motta ouviu bem ao afirmar que era comum em túmulos deste período a evocação do nome do responsável pela família ou apenas o sobrenome deste, não havendo destaque de outros nomes.

No entanto outros modelos apareceram com a difusão do capitalismo e a individualização da sociedade, como a glorificação da memória do indivíduo, que passava a ser sepultado sozinho ou apenas com a mulher e filhos, ressaltando os feitos e não a descendência. Este tipo de túmulo não trazia à tona a descendência, nem procurava congregar uma longa linhagem, mas discursar sobre os feitos individuais e vangloriar poucos por tais feitos. É o caso de túmulos com bustos ou imagens e alegorias de ascensão social, caso do mausoléu do imigrante italiano Antonio Larario, localizado no Cemitério do Araçá, em São Paulo, que expressa em figuras sua trajetória de vida.

Estes túmulos, na época, apresentavam-se bem cuidados, conservados, pois, segundo o autor de “Á flor da Pedra”, tal atitude do familiar vivo era indicativo de um bom caráter, de bons costumes, de boa consideração para com os mortos. Atitude esta que o autor busca verificar em jornais, manuais de conduta e, sobretudo, na obra literária Memorial de Aires, de Machado de Assis, onde duas viúvas procuram enviar flores frescas e mandar lavar periodicamente os túmulos da família e do marido.

Sobre a influência do Romantismo, movimento artístico, de origem alemã, sob as sepulturas, Motta nos convida a um passeio em meio a expressões e trejeitos de esculturas de anjos e mulheres que parecem saídas de romance e poemas de Aluísio de Azevedo. Mulheres e anjos sobre os túmulos, com roupas coladas ao corpo, seios à mostra, coxas em evidência, mãos e braços estendidos sobre as tumbas, cabelos revoltos, ar de desespero, porém belas, belas e, como diria o jovem escritor romântico paulista, lânguidas e pálidas – neste caso bastante pálidas já que, em geral, aparecem esculpidas em alvo mármore. Tais expressões femininas mostram-se como verdadeiro “silêncio vivo”, com diz Amílcar de Castro sobre as diversas esculturas.

Antonio Motta também nos mostra como as figuras femininas, outras iconografias, a origem da sepultura e o cemitério onde o morto era posto estavam sujeitos a um gosto, a gostos cuja referência era a Europa. O antropólogo indica a obra de L.V. De Simoni, chamada *carmes tumulares*, como uma espécie de livro de etiqueta fúnebre, cujo objetivo era mostrar que os mortos ilustres deveriam se diferenciar dos mortos comuns.

A lógica dos cemitérios seguiram gostos estéticos que permitiram a importação de sepulturas inteiras ou peças específicas de países como Itália, Portugal e França. Os cemitérios seguiram o modelo arquitetônico italiano ou francês, buscando semelhanças com o Père-Lachaise e o Staglieno.

Baseado na arqueóloga Tania Lima, Antonio Motta nos mostra que havia mesmo preferências de determinados grupos por cemitérios específicos, que havia cemitérios mais bem vistos do que outros. Mesmo dentro de um cemitério socialmente tido como privilegiado, como o São João Batista, no Rio de Janeiro, e o Cemitério da Consolação, em São Paulo, uma lógica interna de diferenciação social imperava. Em tal lógica os espaços de maior visualização eram disputados e mais onerosos; o caso dos lotes mais próximos da capela e do portão principal.

Apesar destas maneiras de reunir a família sobre uma mesma sepultura, de evocar os feitos individuais, de procurar se diferenciar socialmente por meio do túmulo e mostrar boa conduta e caráter através do cuidado com a campa, estes costumes não mais predominam na sociedade contemporânea.

Se uma das tarefas do túmulo é manter uma memória, de lembrar, de lembrar; tal tarefa não é mais atribuída à sepultura, mas a outros meios, outras formas de lembrança que surgiram ou foram tomadas com maior frequência devido, em parte, ao distanciamento dos vivos em relação aos mortos e a tudo que faz lembrar a morte pessoal e a morte de quem está próximo.

Destarte o trabalho executado pelo professor e pesquisador Antonio Motta mostra-se como um convite a ouvir e entender antigas formas de ocultar o cadáver, formas estas que ainda hoje podem ser visualizadas nos cemitérios oitocentistas ao redor do Brasil, mas que, pela ação do tempo, má conservação e depredação estão se degradando, deixando de discursar ou parando de falar de seu significado subjetivo para falar de seu estado objetivo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1988

FREYRE, Gilberto. Introdução à 2ª edição. In:_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 16.ed. São Paulo: Global, 2006.p.44-47